



AS CULTURAS JUVENIS E A ESCOLA: A RELAÇÃO ENTRE A BATALHA DO VALE E A EDUCAÇÃO DOS JOVENS DE PRESIDENTE PRUDENTE¹

Bruno Fantin Salvi  

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Campus de Presidente Prudente
Contato: bruno.salvi@unesp.br

Júlia Crovador Carvalhaes 

Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Campus de Presidente Prudente
Contato: juhcarvalhaes@gmail.com

1. Trabalho desenvolvido sob orientação do professor Nécio Turra Neto, vinculado ao Projeto "Juventudes e Múltiplas Territorialidades: diferenças socioculturais em contextos de cidades médias e metrópoles brasileiras (Chamada MCTIC/CNPq Nº 28/2018).

Como citar: SALVI, B. F.; CARVALHAES, J. C. As culturas juvenis e a escola: a relação entre a Batalha do Vale e a educação dos jovens de Presidente Prudente. **Revista Formação (Online)**, v. 30, n. 57, p. 31-55, 2023.

Recebido: 03/11/2021

Aceito: 12/12/2022

Data de publicação: 02/06/2023

Resumo

O presente artigo busca relacionar os saberes que são acionados na vida dos jovens em espaços não formais de educação, fora da escola, com os conteúdos que a escola se propõe a ensinar, bem como analisar a relação da escola com a realidade vivida dos alunos. Foram abordados jovens que estão envolvidos em coletivos juvenis, especialmente o Hip Hop, através do Coletivo Batalha do Vale, em Presidente Prudente. Também foram abordados profissionais da educação que pudessem nos dar uma visão a respeito da relação da escola com alunos-jovens. A construção deste texto é baseada nas pesquisas dos autores, que abordaram o tema a partir de duas entradas diferentes: da cultura juvenil para a escola e da escola para a cultura juvenil. Tratamos, então, dos impasses e dificuldades que a instituição escolar tem de dialogar com jovens contemporâneos. Discutiremos o Hip Hop como uma estratégia de aproximação e engajamento das juventudes nos conteúdos escolares.

Palavras-chave: Juventudes. Escola. Hip Hop. Presidente Prudente.

YOUTH CULTURES AND SCHOOLS: THE RELATIONSHIP BETWEEN THE BATALHA DO VALE HIP HOP GROUP AND THE EDUCATION OF YOUNG PEOPLE IN PRESIDENTE PRUDENTE

Abstract

This article seeks to relate the knowledge that is triggered in the young people's lives outside school in non-formal educational settings with the contents the schools set out to teach, as well as to analyse the school's relationship with the reality experienced by pupils. We have approached young people engaged in the youth collective groups, especially the Hip Hop group through the collective group Batalha do Vale in Presidente Prudente. Educational professionals that could give us an insight into the relations between the school and pupil-young learners were also addressed. This paper is based on the authors' research who tackled the subject from two different inputs: from youth culture to schools and from schools to youth culture. We therefore have dealt with the impasses and difficulties faced by the school institutions to dialogue with contemporary youngsters. We shall discuss Hip Hop as a strategy to reach out and engage young people in school contents.

Keywords: Youth. School. Hip Hop. Presidente Prudente.

CULTURAS JUVENILES Y ESCUELA: LA RELACIÓN ENTRE LA BATALHA DO VALE Y LA EDUCACIÓN DE LOS JÓVENES DEL PRESIDENTE PRUDENTE

Resumen

El presente artículo tiene como objetivo establecer una relación entre los saberes que se activan en la vida de los jóvenes en espacios no formales de educación, fuera de la escuela, y los contenidos que la escuela se propone enseñar, así como analizar la relación de la escuela con la realidad vivida por los alumnos. Se abordaron jóvenes involucrados en colectivos juveniles, especialmente en el Hip Hop, a través del Colectivo Batalha do Vale, en Presidente Prudente. También se abordó a profesionales de la educación que pudieran brindarnos una visión sobre la relación de la escuela con los jóvenes estudiantes. La construcción de este texto se basa en las investigaciones de los autores, quienes abordaron el tema desde dos enfoques diferentes: de la cultura juvenil a la escuela y de la escuela a la cultura juvenil. Se tratan, entonces, los desafíos y dificultades que la institución escolar tiene para dialogar con los jóvenes contemporáneos. Se discutirá el Hip Hop como una estrategia de acercamiento e involucramiento de los jóvenes en los contenidos escolares.

Palabras clave: Juventud. Colegio. Hip Hop. Presidente Prudente.

INTRODUÇÃO

Este artigo é fundamentado nos resultados de nossas pesquisas de iniciação científica, que foram motivadas por nossas inquietações, enquanto ex-alunos da educação básica e agora professores, a respeito da maneira como a escola dialoga com a vida dos jovens-alunos. Perguntamo-nos o porquê de a escola não ser um ambiente interessante para os jovens-alunos, quais os pontos de estrangulamento nesta relação e como a cultura Hip Hop, ao se fazer presente na escola pode contribuir para a construção de pontes entre as territorialidades e espacialidades instituídas pelos jovens fora da escola e os próprios conteúdos escolares, do campo da Geografia e também outras áreas, para a construção de uma aprendizagem significativa e que faça sentido para os e as estudantes.

Sendo assim buscamos trazer neste texto registros e reflexões sobre o que a juventude está aprendendo fora dos muros da escola, em sua vivência pela cidade. Partimos de dois pressupostos iniciais: i. que os jovens são sujeitos socioculturais que chegam até a escola com uma série de saberes apreendidos em diversos contextos educativos (DAYRELL, 1996); ii. que a cidade é em si um espaço educativo (BERNET, 1997; DAYRELL, 2007; CARRANO, 2011; CAVALCANTI, 2016), incluindo seus espaços de lazer e manifestações culturais, e que os jovens ao se lançarem nesses espaços urbanos e constituírem coletivos juvenis estão adquirindo conhecimentos que podem estar contribuindo para a sua formação intelectual, social e política, ao mesmo tempo em que não vislumbram essas mesmas possibilidades formativas na escola.

Buscamos então traçar uma relação entre os saberes adquiridos pelos jovens em espaços de educação informais e não formais¹ e os conteúdos escolares. Para isso, por um lado, abordamos jovens² que estão envolvidos com a cultura Hip Hop, especificamente o Coletivo Batalha do Vale, que atua em Presidente Prudente desde 2015 e, por outro lado, conversamos com profissionais que atuam numa escola pública da cidade, localizada na zona leste de Presidente Prudente³, como uma professora de Geografia e o diretor da escola.

A partir disso será possível destacar a importância do Hip Hop na vida dos jovens entrevistados, identificando quais foram as alterações em suas trajetórias a partir do momento em que aderiram e começaram a praticar a cultura Hip Hop na cidade. Também tentamos trazer

¹ Para Jean Bernet (1997), os espaços informais de educação na cidade são as bibliotecas, museus, teatros, espaços nos quais existe uma intencionalidade em educar. Os espaços não formais são os que não possuem uma intenção explícita de educar mas mesmo assim o fazem, pelas próprias interações que acontecem, ou seja, espaços onde ocorre a troca de informação como, por exemplo, uma batalha de MCs, ou uma roda de capoeira.

² Os nomes que aparecem neste texto são fictícios a fim de preservar a identidade de nossos colaboradores.

³ A escola estudada foi escolhida por estar situada num contexto urbano caracterizado por baixos indicadores socioeconômicos.

da maneira como a escola, enquanto uma instituição, se preocupa em abordar a realidade dos alunos fora da escola e os saberes que adquirem em práticas coletivas que acontecem nas ruas da cidade.

Portanto, em um primeiro momento, iniciamos o debate a respeito dos jovens, bem como apresentamos nosso entendimento a respeito da (in)definição de juventudes (assim, no plural) e de culturas juvenis. Tentamos mostrar que a juventude não é apenas uma fase da vida em que nos preparamos para a vida adulta, mas que possui um valor em si mesma, como uma etapa da vida em que nos formamos enquanto pessoas e, para isso, os jovens não podem ser olhados como nulos e distantes das decisões políticas e sociais que os envolvem direta e indiretamente. Em um segundo momento, narramos a formação da cultura Hip Hop nos Estados Unidos, a sua chegada ao Brasil, um breve histórico desta cultura na região de Presidente Prudente até a formação da Batalha do Vale. Em seguida, traremos trechos dos depoimentos concebidos pelos jovens e destacamos a importância do envolvimento destes com o Hip Hop, principalmente no sentido intelectual e formativo. Junto a isso, buscamos demonstrar a relação do “conteúdo da rua” com o conteúdo escolar, e como esta relação é pensada numa escola específica da cidade, através dos depoimentos concebidos por profissionais da educação.

ESTUDANDO E “NÃO” DEFININDO AS JUVENTUDES

Primeiramente, não há um consenso sobre o tema da juventude, há diferentes concepções sobre o que é ser jovem, quais suas características, quais fatores demarcam seu início e seu fim, as variadas formas de expressão juvenil e até mesmo as representações acerca dos jovens mudam conforme diferentes contextos e visões teóricas. Segundo a Lei nº 12.852/2013, que instituiu o Estatuto da Juventude no Brasil, jovens são pessoas com idade entre 15 e 29 anos, ou seja, independente das variáveis socioeconômicas o que demarca a juventude é um limite cronológico. No entanto, para a Organização Mundial da Saúde (OMS), adolescência e juventude se misturam, pois a primeira compreende uma faixa etária dos 10 aos 19 anos e a segunda compreende a faixa dos 15 aos 24 anos, considerando que esta é uma categoria sociológica de preparação dos sujeitos para a entrada na vida adulta (LEÃO; CARMO, 2014). No segundo exemplo, a idade é associada aos fatores sociais para determinar que a juventude é um conceito criado pela sociologia para caracterizar uma etapa de transição que intermedeia a infância e a idade adulta.

Embora essas duas definições não sejam exatamente iguais, elas revelam uma ideia muito presente no imaginário social, de que a juventude é uma fase de transição para a vida

adulta – inclusive com o risco de se desviarem de trajetórias desejáveis socialmente. Nessa concepção, os jovens estão sempre em falta, estão sempre em devir, em um tornar-se alguém, no caso adulto, e, por isso, tende-se a enxergar a juventude pelo lado negativo, já que o jovem é o que não é, o que ainda não chegou a ser (CARRANO; DAYRELL, 2014) – uma visão que porta em si também julgamentos valorativos que recaem sobre os jovens concretos. Desse modo, o presente vivido é negado e as demandas e direitos juvenis são negligenciados ou adiados e, por isso, Carrano e Dayrell (2014, p. 105) afirmam que “[...] é preciso dizer que o jovem não é um pré-adulto” e que pensar dessa forma é não reconhecer os processos identitários e formativos em ação nesta fase de vida, ou seja, negar o presente vivido em função de uma projeção futura.

Segundo Helena Abramo (1997), o modo como a juventude foi abordada e ganhou visibilidade na academia e na mídia está relacionado com a forma que estudos da sociologia funcionalista compreendeu esse fenômeno. Para essa corrente, a juventude é um momento crucial de continuidade social em direção à vida adulta, ou seja, é a fase de saída da infância em que o sujeito absorve valores sociais que o orientam na preparação para se constituir como um indivíduo livre e apto a desempenhar papéis sociais a que foi designado (ABRAMO, 1997). Conseqüentemente, os temas juvenis ganham notoriedade quando são relacionados às falhas, às discontinuidades nesse processo de desenvolvimento, ou seja, quando abordam a juventude como reflexo da desordem social, como objeto de erros, de anomia ou disfunção em relação à integração social e até como um perigo à continuidade da sociedade (ABRAMO, 1997).

Atualmente, neste campo dos estudos de juventude, outras perspectivas mais pluralistas superaram a visão funcionalista e reconhecem tanto a pluralidade das experiências de juventude e de trajetórias de transição para a vida adulta, quanto a particularidade desta fase de vida na constituição de culturas distintas (PAIS, 2003; CARRANO, 2011), como são as culturas juvenis que estudamos – o Hip Hop como um exemplo delas.

Em vista disso, compreendemos que a juventude não é só uma passagem e que não é correto descredibilizar os sujeitos por ainda não serem adultos, considerando que suas opiniões são apenas formas de chamar atenção ou que seus argumentos são insuficientes por serem “novos”. Para além disso, alguns autores questionam inclusive a noção de ciclo da vida, em que as fases vão se sucedendo e iniciando novos períodos. Carrano (2011), por exemplo, radicaliza o debate ao afirmar que não há mais transição para a vida adulta e que a indeterminação das idades teria levado ao fim da passagem e tudo se resumiria à gestão dos momentos.

Assim, embora não refutamos completamente a ideia de ciclo da vida, consideramos que pautar a juventude pela idade não só é insuficiente para entender todas as suas dimensões

sociais, econômicas, expressões culturais, mas também é um equívoco referir-se aos jovens de forma homogênea como se todos fizessem parte de um grande grupo etário que vivenciasse experiências parecidas e tivesse um destino único, sem intercalar a idade e fase de vida com questões sociais, financeiras, culturais, e o próprio contexto espacial em que estão inseridos, entre outros elementos, o que nos conduz a pensar a juventude como uma experiência social altamente diversificada e justifica o emprego do termo no plural.

Por consequência, e com base em Carrano e Dayrell (2014), aqui se compreende as juventudes como uma construção histórica, cultural e social que muda conforme o tempo e as características de cada sociedade. Isto significa que assume diferentes conotações para cada contexto. Diante disso, se a juventude é uma categoria construída socialmente que não deve ser apreendida de maneira única, o melhor é falar em condição juvenil. De acordo com Dayrell (2007), este termo é o mais adequado porque assim é possível abarcar duas dimensões: a maneira como a sociedade entende a juventude e atribui significado a ela e considerar aspectos raciais, de gênero, sexualidades e de classe social que interferem na forma como essa juventude é vivida por jovens concretos e situados, propiciando que tanto questões simbólicas, quanto materiais, políticas e históricas que influenciam nesse processo sejam exploradas. Iniciaremos pelas imagens construídas sobre os jovens para depois desenvolver um argumento sobre as condições juvenis e as instituições que interferem nessas circunstâncias.

As imagens sociais criadas sobre a juventude também são diversificadas e tendem a oscilar entre o “jovem dourado” que está “curtindo” a vida, sem muitas preocupações, ao mesmo tempo em que participa de instituições educativas e o “jovem problema”, aquele que é alvo fácil de grupos criminosos (imagem que de quando em quando reacende no Brasil o debate sobre a diminuição da maioria penal). Por consequência, essas contradições recaem principalmente sobre aos jovens das camadas populares que mais sofrem com a ausência de amparo estatal que lhes garanta acesso a bens materiais, culturais e espaços para que desfrutem plenamente de sua condição (DAYRELL; CARRANO, 2014). Sendo assim, a imagem criada é de que a juventude pode vir a constituir um problema, principalmente quando se referem aos altos índices de violência, tráfico de drogas, gravidez precoce, AIDS etc.

Se apoiando sobre estes problemas e orientadas por estas imagens aparecem muitas políticas públicas e instituições preocupadas em “salvar os jovens”, seja do contexto em que vivem, seja de si mesmos ou de um futuro "tortuoso". Estas imagens poderosas acabam afetando os jovens concretos que, chegando a esta fase de vida, acabam por dialogar com elas, de forma mais ou menos tensa, incorporando-as na constituição de sua experiência de juventude ou buscando superá-las na direção de afirmar sua condição juvenil, em outros termos, acionando

uma cultura juvenil crítica para expressar uma recusa a adaptação e inserção no mundo adulto que lhe é colocado no horizonte (ABRAMO, 1997; DAYRELL; CARRANO, 2014).

Nesta perspectiva abordamos o Hip Hop, que é uma cultura e, também, um movimento juvenil, que historicamente busca colocar em diálogo e, também, em tensão essas imagens construídas sobre os jovens, especialmente os negros, empobrecidos e moradores de bairros periféricos das cidades. Em toda sua trajetória e formação, o Hip Hop propõe tratar a juventude a partir do protagonismo, horizontalmente e até "de baixo para cima", fazendo com que demandas das juventudes excluídas e desfavorecidas sejam levantadas e atendidas muitas vezes pelos próprios jovens, ou seja, "de jovem para jovem", mas também ampliando a disputa política por parte destas pessoas ao exigirem o direito à cidadania.

HIP HOP: a cultura de aprender com festa

O Hip Hop tem o berço de sua formação, enquanto a cultura que conhecemos hoje, no bairro do Bronx, em Nova Iorque nos Estados Unidos da América, na década de 1970. A realidade deste bairro na época era de abandono social e as pessoas viviam marginalizadas e sem acesso aos equipamentos de lazer, cultura e educação, aumentando fortemente a cultura de gangues entre a juventude (BERMAN, 2009). Os jovens moradores do Bronx, em sua maioria, eram negros e latinos, e através de uma prática jamaicana, o *soundsystem*, o Dj Kool Herc realizou a primeira festa de Hip Hop no Bronx (PIMENTEL, 1997), um marco histórico, pois reuniu em um mesmo ambiente cultural membros de gangues de rua rivais.

A partir da paz, união e diversão promovida pelas manifestações culturais de Hip Hop, a juventude do Bronx passa a instituir territorialidades nos espaços públicos a partir do engajamento em ramos artísticos, consolidando então os elementos bases da cultura Hip Hop: o Dj (discotecagem), o Mc (poesia/rimas), o *breakdance* (dança de rua) e o grafite (arte plástica/pintura). Segundo Jorge Miranda (2016) os jovens negros, latinos e pobres começaram a resolver suas divergências através da arte, desafiando grupos de dança rivais ou através da batalha de rimas, configurando assim a cultura Hip Hop como um movimento social, com forte poder de unir a juventude e expressar suas demandas.

Percebido este poder de transformação social, juntamente com a rápida disseminação do rap⁴, o Dj Afrikaa Bambaataa fundou a Internacional Zulu Nation, batizando oficialmente o Hip Hop como um movimento cultural com engajamento político e intenções pedagógicas

⁴ É a sigla de Ritmo & Poesia, elemento da cultura Hip Hop, na qual o Dj dita o ritmo através de batidas de som e o Mc recita ou canta versos, improvisados ou escritos, com a finalidade de passar uma mensagem.

(MIRANDA, 2016), acrescentando o Conhecimento como o quinto elemento da cultura Hip Hop, sendo este o responsável pela continuidade e união entre os outros quatro elementos.

No Brasil, o Hip Hop chega já bem aceito como uma arte de comprometimento e de forte identidade da juventude negra e periférica. Isso se deu devido à manifestação do samba e dos bailes *black* nas décadas de 1950/60 e 70 (PIMENTEL, 1997), e o primeiro elemento do Hip Hop a ser praticado no Brasil foi o break, a dança, justamente por não ter nenhum custo financeiro para se dançar na rua (LEAL, 2007). Através dos discos de música *black* que chegavam no Brasil, a juventude negra e periférica foi criando passos de dança sincronizados para serem demonstrados nos bailes.

Em diferentes capitais estaduais do Brasil são identificadas manifestações de *breakdance* e Hip Hop (MIRANDA, 2016), porém o Marco Zero do Hip Hop no país foi instituído na Estação São Bento do metrô de São Paulo, localizado na Rua 24 de Maio (CARMO, 2000), local onde surgem importantes figuras do Hip Hop brasileiro, como o migrante pernambucano Nelson Triunfo, b-boy, MC e educador social, que instituiu na dança de rua suas ideias de união e diversão (MOTTA; BALBINO, 2006). A partir da dança foram surgindo os outros elementos da cultura Hip Hop no Brasil, da mesma forma que no Bronx, os Mcs surgem animando o *rolê*, com versos improvisados no microfone, os pichadores e artistas plásticos começam a grafitar e pintar de forma colorida e os DJs passam a brincar com os discos para criarem músicas.

Na região de Presidente Prudente são poucas obras na literatura que tratam da chegada desta cultura. Fazzano (2001) nos traz que o Hip Hop começou a ser expressivo na região a partir de 1992, com um show do grupo Racionais Mc's, cujo público que compareceu já era ouvinte da música rap. Ainda segundo Fazzano (2001), a cidade de Presidente Prudente tem o seu “marco zero” do Hip Hop na comunidade Cockpit. A Cockpit era um espaço utilizado como uma discoteca, cedido e coordenado pelo ex sargento da Polícia Militar, chamado Guerra.

Na Cockpit, a juventude podia dançar, cantar, grafitar e se divertir em torno da Cultura Hip Hop. Em atividade a partir de 1991, a Cockpit abrigou alguns grupos de Rap que se formavam por Presidente Prudente, cedendo o espaço para suas apresentações. Entre os anos de 1994 e 1996, o Hip Hop de Presidente Prudente apresentou grande engajamento artístico, com a rádio comunitária 102,9 FM abrindo programas semanais voltados para apresentações de grupos de Rap (FAZZANO, 2001).

Passados os anos em que a cultura Hip Hop em Presidente Prudente estava em constante evolução, percebe-se que surge uma das barreiras sociais que, até hoje, afeta a vida dos jovens empobrecidos, que são adeptos e praticam esta cultura: as dificuldades financeiras. Ao fim da

década de 90, os jovens que compunham o Hip Hop em Presidente Prudente sofreram com a falta de emprego e se ocupavam dos trabalhos informais para ajudarem suas famílias. Segundo Fazanno (2001), os jovens de Presidente Prudente não tinham recursos para atingirem os níveis profissionais do ramo artístico que foram sendo exigidos na época, isso fez com que precisassem se dedicar a atividades que fosse rentáveis, assim, acabaram por seguir seus rumos em outras áreas.

Dayrell (2007) ao apresentar sua compreensão sobre juventude, afirma que outra imagem forte pela qual se olha esta fase de vida é a de crise. Juventude aparece como uma fase difícil, em que se instaura uma crise de identidade e de autoestima, com desdobramentos em conflitos com a família e a própria ordem social. Contudo, o autor rechaça esta ideia burguesa ao afirmar que para os jovens das camadas populares, a principal crise é vivida não na entrada na juventude, mas quando precisam sair dela, abandonar seus grupos de referência vivido entre jovens, para adentrar no mundo adulto, com os poucos recursos de que dispõem.

Assim, em Presidente Prudente, é possível perceber, pelo trabalho de Fazanno (2001), que os primeiros praticantes da cultura Hip Hop locais, viveram uma fase curta e passageira de juventude, o que explica porque em contextos de cidade média como este, as culturas juvenis, de forma geral, são cheias de altos e baixos, não tendo a mesma potência de renovação que existe nas metrópoles.

Nesse sentido, após este período inicial, ou seja, a partir do início dos anos 2000, não percebemos nenhum movimento de expressão notável ligado ao Hip Hop em Presidente Prudente. Porém, é evidente que artistas (DJ, Mcs, *b-boys* e *b-girls* e grafiteiros) continuaram fazendo seus trabalhos, se manifestando e fazendo a cultura Hip Hop acontecer, mas não conseguimos identificar um lugar no qual esses elementos artísticos fossem unificados em torno dos pilares do Movimento Hip Hop e que formasse uma agenda de atividades e de militância, em torno da qual se agregassem coletivos juvenis ou que tivessem visibilidade nas suas manifestações na cidade.

Segundo Salvi (2019) algum tempo depois, no ano de 2014, alguns jovens organizaram um evento chamado Duelo Independente, que realizava shows de artistas locais, além de uma batalha de Mcs. Este evento deu uma “sacudida na poeira” do Hip Hop em Presidente Prudente, levantando novamente diversos Mcs dispostos a batalhar no Duelo. Porém, o evento acontecia esporadicamente, às vezes mensalmente, às vezes bimestralmente, o que parecia não ser mais suficiente para um público e para novos jovens dispostos a praticarem a cultura Hip Hop na cidade. Em meio a esta situação, a necessidade de um ambiente de Hip Hop e eventos de rap

contínuos e semanais, a disposição e vontade de alguns jovens fizeram surgir a Batalha do Vale, em abril de 2015.

Junto a Batalha do Vale notamos algumas outras batalhas de Mcs no Oeste Paulista, como a Batalha da ENDURB, em Marília-SP, e a Batalha do Velho Oeste (BVO), em Assis-SP (SALVI, 2019). Isso fez com que, não só no Oeste Paulista, mas em várias cidades do Estado de São Paulo, houvesse um reavivamento juvenil em torno da cultura Hip Hop, aparecendo grande público para os eventos de rap, estimulados pelas mídias digitais, que permitem maior fluxo de informação sobre o que estava acontecendo na metrópole e em muitas cidades do interior (FERREIRA GOMES, 2019).

As batalhas de Mcs parecem ter reaparecido no cenário da cultura Hip Hop e desta vez como sua mais visível manifestação, ocupando praças centrais, mobilizando amplo contingente juvenil das periferias e, também, ganhando destaque pelos embates travados com os governos locais e com a política militar.

As batalhas de MCs são duelos de rimas improvisadas, disputadas por dois, ou duas rimadores ou rimadoras. De um modo geral, é dado um tempo para cada Mc desenvolver os seus versos em cima de uma batida (beat). O Mc que atingir a melhor rima é eleito ou eleita como vencedor ou vencedora, através da manifestação (barulho) do público. Essa modalidade da cultura Hip Hop também é festiva e nasce nas JAMs⁵, quando um Mc utilizava do microfone para animar o baile e acabava se referindo a grupos de ruas diferentes, ou de grupos de dança rivais, prática que é chamada de “Diss”. Desta forma, outro Mc respondia essa “Diss” e o baile fazia barulho para as melhores rimas. Em sintonia com essa disputa, o DJ harmonizava a batalha com as técnicas de som provenientes da cultura Hip Hop (TAPPERMAN, 2011). Toda essa atmosfera ficou conhecida como Batalha de Mcs, ou então Duelo de Rimas, e foram se desenvolvendo e sendo implementadas regras universais (como a de que uma batalha tem apenas três *rounds*), porém, de país para país, região para região, as regras mudam e se adequam, fazendo com que o universo das batalhas seja mais desafiador ainda para os Mcs.

⁵ Festa de rua que, junto com o *soundsystem*, tem origem jamaicana e que foi levada para os EUA com imigrantes na década de 1960/70.

A BATALHA DO VALE

A Batalha do Vale é um coletivo cultural independente, que atua através do movimento Hip Hop, realizando atividades culturais toda sexta feira, às 20h⁶, na Praça Oscar Figueiredo Filho, mais conhecida como Praça do Vale entre jovens da cidade.

Com base os relatos produzidos através da observação participante, conversas informais e entrevistas feitas em pesquisa anterior de um dos autores deste texto (SALVI, 2019), podemos afirmar que a Batalha do Vale teve início em abril de 2015, em uma sexta feira. Em um contexto em que as batalhas de Mcs já tinham ganhado maior visibilidade entre os jovens através do YouTube e outras plataformas digitais de comunicação, a juventude periférica de Presidente Prudente carecia de um evento de rap que acontecesse de forma contínua. Então, alguns Mcs e outros adeptos do Hip Hop trocaram ideias e resolveram realizar uma batalha de Mcs, sexta feira na Praça do Vale.

O local foi escolhido devido ao “fluxo”⁷ que acontecia naquela área da cidade, que conta com a presença do principal espaço público de Presidente Prudente, o Parque do Povo, e o principal shopping center de toda a região oeste paulista, o Prudenshopping, localizados de forma contígua. Realizar uma batalha de MCs naquela área daria visibilidade e atrairia a “galera” de periferia. A partir de então, semanalmente passou a ocorrer batalhas de Mcs na Praça do Vale que logo foram batizadas de Batalha do Vale, um nome que se tornou a marca deste movimento juvenil e periférico numa das mais importantes áreas centrais da cidade.

De início, as batalhas aconteciam da maneira como todo o movimento Hip Hop começou, “do jeito que dava”. Os Mcs se reuniam, o público se aglomerava ao redor, a batalha começava e ao final era eleito um campeão da noite através dos gritos dos espectadores. No decorrer dos primeiros meses, muitos jovens marcaram presença na praça para prestigiar a batalha de Mcs, mas eventualmente a polícia realizava abordagens truculentas durante os eventos e isso fez com que as pessoas ficassem receosas e deixassem de ir até a praça por um tempo. Portanto as ações culturais do Coletivo BDV – como passou a se automear e, também, a ser identificado - tiveram variações de público, algumas reunindo muitos jovens e outras atraindo poucos Mcs e espectadores, configurando então uma dinâmica “vai e vem”, ou de altos e baixos, de público que se manteve ao longo dos anos (SALVI, 2019).

⁶ Este movimento e periodicidade também foram afetados pela pandemia de Covid-19, que obrigou o coletivo a migrar algumas de suas ações para as redes sociais, sobretudo, Instagram. Com a ampliação da cobertura vacinal, inclusive entre jovens do coletivo, as atividades na praça foram paulatinamente retomadas.

⁷ O “fluxo” é um encontro de jovens periféricos em espaços públicos da cidade. Para saber mais sobre o “fluxo” que acontece em Presidente Prudente, ver o trabalho de Adolpho Barreto Neto (2016).

É importante destacar que com o passar dos anos, de sexta em sexta feira, a Batalha do Vale evoluiu em aspectos estéticos, como a rima dos Mcs que adquiriram maior fluidez no *flow* (ritmo), mas também em aspecto político e afirmativo, com a “evolução das ideias” passadas nas rimas. Isso aconteceu, segundo dados de pesquisa de um dos autores, a partir da pressão do público que frequentava as batalhas, que confrontava Mcs que proferissem rimas preconceituosas e “atrasadas”. As pessoas que iniciaram esta cobrança, em sua maioria, eram estudantes universitários⁸ que eram adeptos da cultura de rua e logo também foram atraídos por aquele movimento da Batalha do Vale.

Apesar de não ter sido um processo límpido e pacífico, pois muitas vezes um Mc rimava melhor que seu adversário, mas perdia a batalha por cantar rimas machistas e homofóbicas por exemplo, foi este o empurrão para que os membros do Coletivo BDV aplicassem regras de orientação para os participantes. Essas regras consistem justamente em avisar os Mcs previamente de que não são permitidas rimas homofóbicas, xenofóbicas, machistas, ou fazer referências ofensivas a parentes, parceiros ou parceiras e outras atitudes consideradas “sem conceito na banca”. Na medida do possível essas regras foram seguidas, claro que, ao proferir alguma rima neste sentido, o Mc não era impedido de terminar a sua batalha, porém, era pouco provável que saísse com a vitória, devido a manifestação negativa do público.

Além das cobranças e pressões vindas das pessoas que frequentavam a praça, é notável que a Batalha do Vale tenha ganhado maior sentido político e afirmativo quando os jovens que participavam passaram a frequentar universidades. Esse acesso à universidade ocorreu com membros da organização da BDV, com Mcs que frequentavam semanalmente e também com pessoas que eram públicos das batalhas (SALVI, 2019).

É evidente que o envolvimento desses jovens com o Hip Hop foi fundamental para que esse ingresso em cursos superiores fosse possível, como veremos mais adiante, mas a BDV enquanto um coletivo cultural que antes se preocupava em promover o lazer e a diversão para os jovens de periferia, passou a ser um agente cultural (CARRANO, 2011, p. 14) e também educativo, expandindo suas ações para além da praça, visando atingir os jovens que estão nas escolas públicas da cidade através do Hip Hop, reconhecendo e afirmando o potencial educativo dessa cultura juvenil (SALVI, 2019).

Até o início do ano de 2020, o Coletivo Batalha do Vale realizava semanalmente a tradicional batalha de Mcs na Praça do Vale. Para além da praça, o Coletivo realizava ações

⁸ A Praça do Vale é geograficamente próxima a Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Cf. o trabalho de Bruno Fantin Salvi (SALVI, 2019, p. 50).

culturais nas escolas públicas e fundações CASA da região de Presidente Prudente, com palestras a respeito da relação do movimento Hip Hop e a Educação, rodas de convívio, oficinas de rimas e apresentações artísticas. Com o início da pandemia da covid-19, a Batalha do Vale passou a realizar eventos culturais online sendo vários deles realizados no Centro Cultural Matarazzo.

Através da Batalha do Vale destacamos a seguir a relação que as juventudes mantêm com a escola e como o Hip Hop contribui para a formação das juventudes no sentido político, intelectual e cultural através de atividades que não acontecem no ambiente escolar. Consideramos então que ao se envolverem e se dedicarem a Batalha do Vale e ao Hip Hop os jovens envolvidos estão dando continuidade e, por vezes, complementando a educação que é proposta na escola.

JUVENTUDE, ESCOLA E EDUCAÇÃO

A relação entre os jovens e a escola é bem estreita, sendo que a escola é o principal espaço de sociabilidade juvenil, pelo menos em uma boa parte da vida das pessoas (DAYRELL, 2007). Sendo assim muitos jovens colocam na escola o significado de encontrar os amigos, conversar, estar junto das pessoas que gosta. Mas também a escola se associa a ideia de futuro, de sucesso financeiro, mesmo que grande parte dos estudantes alegue que não gosta muito de estudar. Percebemos então a escola como uma instituição importante na formação social e intelectual dos jovens. Porém, autores como Dayrell (2007), Carrano (2011) e as autoras Helena Abramo (1997) e Lana Cavalcanti (2016) nos mostram que a aprendizagem intelectual não acontece apenas no ambiente escolar, mas também na vida cotidiana dos alunos, fora da escola, na rua e durante suas práticas sociais do dia a dia.

A partir de nossas pesquisas, tivemos acesso a jovens envolvidos com coletivos juvenis e buscamos identificar e analisar o que é aprendido pela juventude fora da escola, ao se envolverem com coletivos e negociarem espaços da cidade. Desta forma percebemos que alguns ensinamentos adquiridos através do Hip Hop, sendo estes relacionados com identidade étnica e cultural, autoafirmação e autoestima e ao desenvolvimento profissional e intelectual, são muito significativos para os jovens, num sentido mais profundo de reconhecerem sua posição no mundo e, em algum sentido, sendo mais valorizados que o próprio conhecimento escolar.

Percebemos, através das entrevistas com jovens ligado ao Coletivo BDV, que estes não mantinham uma relação ideal⁹ com a escola, sendo que por vezes a escola não apareceu como interessante e nem como um lugar onde o jovem poderia ter base para superação de sua condição social. Nesse sentido, tendem a se estabelecer com a instituição escolar uma relação ambígua: a escola aparece ao mesmo tempo como boa e ruim.

Mc Nay: *Não gostava de estudar não, mas minhas notas eram boas, nunca deixei a desejar não, mas meu negócio era matemática, mano! Nem prestava atenção na aula e até os nerds vinham pedir cola pra mim. Suave pra mim matemática. O resto (das matérias) eu tirava mais de cinco. Porque assim, meus professores nunca reclamaram disso, sempre reclamavam que eu era bagunceira, ficava brincando, conversando. Nunca levei desaforo pra casa, eu brigava demais, era pá pum, respondeu toma, treta!*

Mc Renan: *Eu achava que não me encaixava nos padrões escolares que me eram passados. Eu sabia que devia aprender [...], mas a meu ver, você empurra para um pré-adolescente uma literatura gigante, mano. Não tinha nada a ver com a minha realidade ou com tudo o que eu já tinha vivido... Aí chegou no colegial eu sosseguei, fiquei suave, no sentido a tudo, vi que era isso que eu tinha e isso que eu ia fazer. Comecei a me preparar melhor, dava mais atenção nas aulas, não faltava. O terceiro colegial foi o meu melhor ano da escola [...], botei uma fé mano. E aí me dediquei na escola, tive notas boas, fiz um bom Enem, entrei na facul, não pago nada, bolsa de 100%.*

Mc Leikão: *Não mano, nunca cheguei a ser reprovado, mas eu parei de ir pra escola... eu evadi. Entrei pra evasão escolar. Eu já tava faltando pra caramba e resolvi parar de ir pra escola. Jovem que abandonou a escola. Não me dava prazer, o pessoal da minha sala tudo sem noção, mano. Hoje eles me veem na faculdade e meio que me olham de novo, pra confirmar que sou eu mesmo que está lá. Esse pessoal não acredita, ficam surpresos quando me veem na faculdade[...]. No segundo colegial eu comecei a gostar de ler, mano. Ler coisas críticas, sobre a sociedade, comecei a entender o porquê de eu tomar enquadro (abordagem policial) [...]. No final de tudo, quando eu saí do sistema educacional, eu comecei a gostar de estudar, então eu voltei para o supletivo. Eu só comecei a gostar de estudar quando eu saí do sistema escolar...*

A Mc e os Mcs entrevistados nos mostraram que não foram alunos que destruíram a escola com sentimento de ódio, porém, não viam interesse nos estudos, na aprendizagem do conteúdo de fato. Essa relação de dualidade dos estudantes com o ambiente escolar nos aponta a importância da escola no papel da sociabilidade dos jovens (DAYRELL, 2007), levando até a Mc Nay, conhecer a Cultura Hip Hop, uma Cultura de Rua, dentro do espaço escolar, como mostrado a seguir. É visível que a escola desempenhou um importante papel em alguma fase da vida desses jovens, como os Mcs Renan e Leikão que em algum momento se empenharam

⁹ Alunos que se concentravam, faziam todas as atividades, gostavam de estudar e faziam silêncio em sala de aula.

nos estudos, porém, não foi a instituição escolar que os alavancou para “evolúem intelectualmente”.

Mc Nay: “[...] Eu comecei a rimar com um parceirinho na escola, era só pegar as músicas e mudar as letras, fazer umas zueiras engraçadas na escola, sabe? Ai o parceirinho chegou um dia com um moleque novo na sala, aí a gente virou amigo e ele rimava, aí um dia ele falou: ‘vamos rimar’, aí eu falei: ‘demorou’. Aí ele botou um beat, e eu nem sabia o que era isso mano, então ele me explicou e pá. [...] Aí nós começamos a rimar, mas eu travava pra caramba, mas ele incentivava e falava que eu rimava bem, aí a gente ficou rimando uns seis meses, no final do ano, ele comentou comigo que existia a Batalha do Vale [...]”

A ideia que gostaríamos de apresentar com este texto orbita ao redor das falas destes Mcs. Ao mesmo tempo em que a escola surge como uma instituição necessária e “obrigatória” na vida dos jovens, fortalecendo os laços entre os jovens através da sociabilidade, possibilitando a eles ou elas que conheçam pessoas, culturas e acessem informações, a escola também não dá conta de ser completa e despertar a participação do estudante. Enquanto a escola faz parte da vida da juventude, boa parte da juventude não se sente parte da escola. Na fala do Mc Renan percebemos a consciência do aluno em relação a escola ser um dos “caminhos para o futuro”, mas frente a realidade do estudante se torna inviável “botar as caras nos livros” e se interessar pelo conteúdo escolar.

Esta dificuldade da instituição escolar de atrair os alunos e os tornarem protagonistas dos processos educativos é tratada por diferentes autores que trabalham o tema e aparece como um grande desafio da educação. A preocupação em abordar a vida dos jovens fora do ambiente escolar é uma alternativa para a educação se aproximar da sua realidade, e aqui, neste trabalho e em nossas pesquisas, consideramos que a aprendizagem também acontece na rua, fora dos muros das escolas, pela cidade, nos coletivos juvenis. Por isso investigamos quais são os saberes acionados na vida dos jovens ao se envolverem com o Coletivo Batalha do Vale.

No caso da Mc Nay, ela conheceu e começou a praticar o Rap e o Hip Hop dentro da escola, através de amigos, que lhe aconselharam a ir até a BDV batalhar. Ela foi e, pelo que nos disse em entrevista, aprendeu coisas que não aprendia na escola ao longo dos anos:

Mc Nay: *O Vale (BDV) mano, ele veio como uma porta para mim. Porque eu não gostava de estudar, eu gostava de ir para as festas, zuar e vender drogas. A Batalha do Vale me mostrou que eu posso zuar, ir para as festas e fazer rap, mas sem vender drogas. O rap me levou até para Recife/PE, foi a Batalha do Vale que me proporcionou isso, eu não fui pelo Vale, mas se eu não tivesse conhecido a BDV, eu não teria começado a rimar.*

Percebemos que a Mc Nay não aprendeu conteúdos escolares explícitos, porém os saberes acionados na rua, em espaços informais de educação (BERNET, 1997) tiveram a importância de alterar a trajetória de vida e ampliar o mundo de uma jovem, a levar para outros espaços do Brasil, que antes do Hip Hop talvez ela não imaginasse que iria. O mesmo é o caso do Mc Renan, que alegou ter encontrado no Hip Hop motivações, autoestima e confiança no “seu corre”:

Mc Renan: *O sistema falou para mim que eu tinha que ser pobre, e eu quero ser rico. O sistema falou pra mim que eu não podia falar bonito, e eu hoje quero falar bonito. O sistema falou para mim que eu não podia fazer uma faculdade e eu hoje em dia faço uma faculdade no meio dos boys (ricos) [...]. E quem me posicionou, que me mostrou que eu podia fazer algo diferente da minha vida ou para a vida de alguém foi a Batalha do Vale, mano. Foi ela que me deu o posicionamento de: eu posso! [...] A Batalha do Vale me trouxe a autoestima, confiança, amor-próprio. Eu não tinha autoestima nenhuma, mano, para nada. Eu via os jovens da minha idade tudo com caminhos e eu perdidão[...]. Hoje eu tenho vinte anos, sou novo, e já vejo posicionado frente a vários assuntos que vários jovens da minha idade ainda não estão. Quem me deu esse privilégio foi a Batalha do Vale, mano.*

O Mc Leikão, que é o organizador mais antigo do Coletivo BDV e também Mestre de Cerimônias (apresentador das batalhas de rima), nos dá uma visão clara sobre a influência de sua participação em um coletivo de Hip Hop em sua vida intelectual quando perguntado a respeito da relação da Batalha do Vale com a sua volta aos estudos:

Mc Leikão: *Foi muita pressão, não de alguém, mas da situação (após entrar na BDV). Eu podia ter escolhido fazer algo que eu só levasse de qualquer jeito, mas não, eu queria alguma coisa que batesse de frente com o sistema [...]. Eu aprendi com o Hip Hop, que eu ia bater de frente. Como? Com armas? [...] Não mano, vou bater de frente intelectualmente. [...] A Batalha do Vale, o Hip Hop, me fez parar de me enxergar só por cima da pele tá ligado, mano? Fez eu me enxergar por dentro, e me mostrou uma possibilidade de mudar de vida, tá ligado? [...] Me deu uma resignificação do que é ser periférico.*

A frase por nós destacada representa o resultado de uma reflexão, realizada pelo Mc após conhecer o Hip Hop, a respeito da sua própria realidade. Ser um sujeito periférico é ter consciência de sua posição no mundo e buscar atuar politicamente neste mundo como protagonista de sua vida (D’ANDREA, 2013, p. 178), portanto o Hip Hop pode despertar na juventude a reflexão a respeito da cidade, dos bairros em que vivem, das situações passadas no cotidiano.

É perceptível também esta ideia nas falas da Mc Nay, para quem o Hip Hop mostrou o quão libertador era “curtir” a vida e se divertir de uma maneira mais leve e evitando problemas.

O mesmo com o Mc Renan, que através do Hip Hop desenvolveu a confiança em si mesmo, a autoestima e o empoderamento. Para ambos percebemos um avanço na percepção política de seu contexto, para Jacques Rancière (2010) as artes quando idealizadas e materializadas de maneira crítica promovem através da horizontalidade de relações, como percebemos no Hip Hop e na Batalha do Vale, a sensibilização para com o contexto social em questão provocando prazer em conhecer, se situar e buscar alternativas para superação de barreiras sociais e espaciais.

A partir da reflexão a respeito da própria realidade, os jovens participantes da Batalha do Vale buscaram a superação da sua condição anterior, como podemos ver nos depoimentos, e algumas vezes os estudos aparecem como uma das estratégias.

Este avanço nas trajetórias de vidas dos jovens, o acesso ao curso superior, ainda que não de todos e todas, é notado através do envolvimento da juventude com coletivos juvenis que os tornem protagonistas de suas ações. Segundo Paulo Carrano (2011), a vivência proporcionada pela atuação dos jovens em seu tempo livre em atividades que acontecem pela cidade, majoritariamente entre jovens e sem ou quase nenhuma presença adulta, faz parte da formação social, política e intelectual dos jovens. Essa formação acontece através das alegrias, das decepções, das tensões e negociações que são exigidas pela vivência na rua, como negociações pelo uso de espaços públicos com outros grupos de pessoas, a ocupação de espaços da cidade e a tensa relação que a juventude periférica mantém com a polícia, como vemos na fala de Mc Leikão:

Mc Leikão: *Noite tava dahora, BDV já tinha começado, rolê tava dahora, agradável, tinha umas 100 pessoas na arquibancada, era o auge da batalha. Ai, ta ligado mano, surgiu umas seis barcas (viaturas da força tática da PM) truta, invadiu a praça. Ai, várias pessoas correram. Eu ia correr, eu ia correr. Ai um parceiro meu gritou: “E aí vai correr mano?” aí eu pensei: “poxa mano, não tem como correr”. Ai eu voltei mano, virei e voltei andando. Fui enquadrado, falei para o policial que era organizador de um evento cultural de Hip Hop, e ele não me esculachou, falou que não tinha nada contra, mas hoje tinha que ir todo mundo para casa. Pra você vê mano, de um negro que corre da polícia por instinto, passei a ser um organizador de um evento cultural, em dez segundos...*

No trecho acima o Mc Leikão nos diz que, com a polícia abordando a todos de forma violenta, a sua primeira ação seria a de correr, de fugir e se esconder. Porém, o fato de ser organizador da Batalha do Vale, um movimento cultural de Hip Hop voltado para a comunidade periférica, o tranquilizou e ele propôs um diálogo com o policial. Essa situação nos mostra como o Hip Hop fortalece a identidade da juventude periférica, e são nessas situações que os e as jovens se educam, aprendendo valores que muitas vezes não estão sendo desenvolvidos

dentro do ambiente escolar, mesmo porque é na rua, na praça, negociando espaços na cidade que ocorrem as situações reais a requerer deles posicionamento. É nesse sentido também que entendemos o quanto as relações sociais vividas nos contextos concretos de ação dos jovens na cidade são em si educativas e instituem saberes que poderiam ser acionados na escola para trabalhar uma série de conteúdos formais, como defende Cavalcanti (2016), para o caso do tema cidade e produção do espaço urbano no ensino médio.

Tal potencialidade da articulação entre as experiências vividas os conteúdos formais do ensino de Geografia são reconhecidos também pelo diretor e pela professora do colégio estadual da zona leste de Presidente Prudente, nas suas entrevistas, como veremos adiante.

Vários trabalhos revelam esforços de professores em articular os conteúdos obrigatórios com as diversas realidades trazidas pelos estudantes para a sala de aula. Lair Neves (1999), por exemplo, apresentou a possibilidade de construir uma narrativa através das letras de Rap, articulando o conteúdo escolar com a temática das músicas, em que a professora realiza o papel de mediar a realidade retratada no Rap e a matéria escolar. Da mesma forma, Ione Jovino (1999) utiliza da oralidade do Rap para relacionar as temáticas da vida urbana com os conteúdos escolares. São diversas tentativas de profissionais em extrapolar os limites do formal dentro da sala de aula, porém, as dificuldades institucionais fazem destas tentativas apenas ações individuais de professores e gestores. Percebemos essas ações individuais presentes nos trechos das entrevistas com a professora da escola estudada em Presidente Prudente, quando afirma:

Professora: *É... sim. A aula que eu dei sobre território foi o máximo também, no primeiro ano, quando a gente tem que fazer as aulas de conceitos da geografia. Aula de território foi superlegal porque eu também utilizei um rap... e aí eles acham o máximo só porque você utilizou o rap né ... aí eles vão fazendo os links: Qual é o território? ... Qual é o meu território? Por que isso é território? Disso, disso é território daquilo e Lugar também, Paisagem. [...] Eu dei uma aula de racismo estrutural, duas aulas. Foi muito legal, porque gerou uma discussão bacana é... e assim, nem eram tanto as pessoas que participavam de coletivos, mas tinha sim alguns. E eles participaram muito porque esse tema realmente chama atenção deles, é a maioria da escola é formada por pessoas negras. É... a maioria dos adolescentes de lá é negro e eles gostam e quando fala de violência policial, eles dominam demais, eles parecem que... acendem a chama dentro deles e eles discutem totalmente, porque é isso que fala né, na letra... as letras que eles escutam. Isso realmente eles dominam. E aí eles sabem discutir mesmo. Com criticidade né...*

A professora realiza o mesmo incentivo, o de mediar as temáticas tratadas nas letras de Rap com a Geografia escolar e consegue atrair o mesmo interesse que nos trazem os trabalhos mencionados antes (NEVES, 1999; JOVINO, 1999). É notável que os estudantes se interessam por temáticas que tratam da sociedade em que vivem, principalmente os assuntos que estão

presentes na vivência periférica, como a violência policial e o racismo. São essas alternativas de ensino que podem fazer com que algum aluno ou aluna perceba a relação que o conhecimento escolar tem com a sua realidade, a discussão em sala de aula pode ser significativa se fazer sentido para os estudantes. Porém, apesar das dificuldades enfrentadas, intensificadas no contexto de pandemia, entendemos que o esforço da professora tem sido reconhecido e apoiado pela direção escolar. Ainda assim, pela fala da direção, percebemos que há o peso de uma estrutura que limita muito a ação, afinal a escola é uma instituição regida por regras e padrões de ensino e não tende a aproximar a rua e seus ensinamentos do conhecimento institucionalizado pelos currículos oficiais. Quando perguntado a respeito de sua posição frente aos problemas sociais da escola:

Diretor: *Sim. A gente não consegue disfarçar, não consegue disfarçar, assim... diariamente. É claro que nós somos formados, mas nós somos tomados por emoções e elas vão se eternizar. O que eu quero dizer é: são as emoções que a gente vai enfrentando que aqui, que vai se acumulando e se a gente fica quieto ela pode explodir numa relação psicossomático¹⁰, né. Eu procuro dividir isso aí conversando, as vezes com outros diretores mais experientes, né...: “Ó o que que eu que posso fazer? Qual que é o caminho, né? E eles vão me orientando, vai me direcionando. Até mesmo isso aí tem ajudado bastante, mas há um desgaste emocional que eu quero dizer assim... Há um desgaste porque a luta é interminável, você percebe que você tá tentando apagar uma floresta com copo d'água. Você poderia fazer mais, você consegue enxergar isso aí e isso aí às vezes é o que mais me machuca...*

A professora, ao ser perguntada se a escola se interessava ou se preocupava com o envolvimento dos jovens em atividades coletivas fora do ambiente escolar, respondeu a respeito de sua tentativa e de outros professores em estimular atividades diferentes e que possam se relacionar com a vida dos alunos fora da escola.

Professora: *Não... acho que não. É mais um conhecimento empírico sabe, dos próprios professores que... é que a gente sabe, dentro da sala de aula quem faz o que, porque eles falam tanto, eles contam tanto sobre a vida que você vai conhecendo no dia a dia... quem dá aula em todas as salas principalmente, quem tem todas as salas ou quem dá mais de uma disciplina vai sabendo quem é quem, e aí na sala dos professores a gente comenta. Mas, tipo assim, ter catalogado, ou ter planilha ou diretor saber acho que não tem não. Mas seria bem interessante né? Mas aí quando tem por exemplo, é... nas reuniões pedagógicas que a gente vai escolher... é... as palestras que terão ao longo do ano, aí sempre alguém fala né “ai, o aluno tal poderia falar de tal coisa porque ele participa de tal movimento, ou ex-aluno tal poderia ser convidado para fazer tal apresentação porquê...” aí sempre alguém fala, mas a escola em si não sabe, quem sabe são os professores.*

¹⁰ O Diretor faz referência a situações que podem afetar negativamente o estado emocional, espiritual e também o físico/corpo.

A professora também nos mostra que é perceptível que estudantes participam de coletivos e atividades fora da escola. Quando perguntada a respeito disso, se ela sabia se alguns alunos ou alunas dela participavam dessas atividades, a resposta foi que sim, e que, durante a vivência na escola, era notável a facilidade com relações políticas e de negociação que estudantes envolvidos com coletivos juvenis aparentavam ter.

Professora: *Sim, é ... tem... é que é mais do nono ano, né... que é uma sala bem cheia, mas do... do... mas tem umas meninas do segundo ano que elas participam de grupos de jovens de igreja, tem algumas, não sei elas cantam ou se é teatro que elas fazem na... na igreja, igreja evangélica. E elas participam bastante. Elas tão sempre postando alguma coisa ou outra. Agora não tá tendo, mas ainda postam essas recordações de quinta feira, assim, de coisas que elas fazem é... acampamentos. Tem bastante assim... pessoal da igreja e ano passado tinha alguns meninos de batalha de rima, eles eram do terceiro ano.*

Pesquisador: *Humm. E esses jovens que participaram de algum coletivo você percebe uma diferença deles em relação aos outros que não tem um envolvimento como esse?*

Professora: *Totalmente! A linguagem, né, a linguagem é outra: desenvolvida. Eles usam outras palavras, eles sabem conversar com as pessoas mais velhas, eles... eles sabem conversar com as crianças mais novas. Eles assim... não ficam receosos de conversar com os alunos do 6º ano, por exemplo. Eles sabem entrar na sala do 6º ano e dar recado. É... tem o pessoal do grêmio que eles tinham organizado... o pessoal que montou a chapa do grêmio não chegou a ter eleição, mas a gente já sabia que aquela chapa ia ganhar, era composta pela... da maioria do pessoal do segundo ano e... eles entravam na sala do 6º ano tratando de igual para igual e eram essas meninas da igreja né. E tinha um menino do futebol também. Eu não sei se chega a ser um coletivo, mas ele participa dessas coisas de futebol...*

A partir do depoimento de jovens e também de profissionais da educação formal, percebemos que os jovens ao se envolverem com coletivos juvenis fora do ambiente escolar, iniciam uma vivência que os levam a familiarizar-se com os diálogos, com as negociações, o levantamento de demandas e a maior participação no próprio espaço escolar. Isso se confirma quando a juventude envolvida com o Hip Hop nos mostra, através de seus depoimentos, que a Batalha do Vale (Hip Hop) os fez refletirem e buscarem algo diferente, uma superação, uma atuação significativa no mundo em que vivem e, por vezes, retomando e se empenhando nos estudos e na busca pelo conhecimento, podendo ser estudantes melhores e conquistarem o acesso as universidades.

O mesmo se apresenta nas falas do diretor e da professora, que reconhecem a dificuldade dos profissionais da educação em atuarem de maneira diferente no processo de aprendizagem, sendo que a instituição escolar não aborda formalmente o conhecimento que os alunos adquirem

nas ruas e em seu cotidiano. Embora percebam o quanto o envolvimento em coletivos, os mais diversos, tem contribuído para produzir o protagonismo de estudantes no próprio espaço escolar, num movimento de mútua fertilização.

O HIP HOP E A ESCOLA

Ao mesmo tempo em que nem sempre é fácil pensar e fazer uma escola mais aberta às culturas juvenis, na perspectiva reversa, percebemos uma intencionalidade forte do Coletivo Batalha do Vale, seguindo a própria filosofia do movimento Hip Hop, em se aproximar dos alunos-jovens e de suas vivências dentro do ambiente escolar. Ao longo do desenvolvimento da pesquisa de um dos autores deste texto (SALVI, 2019) tivemos a oportunidade de acompanhar atividades culturais e educativas realizadas em escolas públicas da região de Presidente Prudente pelo Coletivo BDV, como rodas de conversa, pequenas palestras e dinâmicas culturais. Em algumas delas chegamos a contribuir com falas, explicando aos alunos-jovens como a Batalha do Vale, através do Hip Hop, é também um movimento educativo para a juventude periférica.

Ao longo dessas conversas, que eram realizadas mediante o convite do Grêmio Estudantil ou de um estudante envolvido, surgiram situações que mostraram como a Batalha do Vale é uma aproximação da juventude com o conhecimento, através da oratória, da linguagem falada, das gírias e da forma como o corpo “fala” junto com as palavras. Mas para além da estética do diálogo, em cada atividade em escolas, a Batalha do Vale se mostrou muito íntima de cada um dos e das jovens que estavam presentes, devido ao Hip Hop ser uma cultura de pessoas negras, periféricas e pobres, que historicamente representou e estimulou a juventude, estabelecendo-se assim, uma relação de identificação e empatia, propícia para o aprendizado divertido de ambas as partes.

Na perspectiva dos alunos-jovens, ao verem pessoas como eles, se vestindo de acordo com sua identidade (não “padronizado”), usando bonés e usando a linguagem própria da juventude periférica para ressaltar a importância dos estudos, estes acabam por criar um respeito e admiração pela Batalha do Vale, como se dissessem: “Deixa eu ouvir o que aquele mano ali tem pra dizer”, atitude que não é muito comum quando direcionada aos professores, no formalismo das relações de ensino-aprendizagem em sala de aula.

Mc Leikão: *Eu estou tentando fazer aqui, o que eu não tive quem fizesse por mim na escola, levando a rua para dentro dos muros, levando o que a gente realmente gosta para dentro da escola!*

A tentativa de aproximação entre o movimento Hip Hop e os alunos-jovens de Presidente Prudente aparece como uma busca, ou como uma disputa pela juventude para que estes se voltem para os estudos e pela busca do conhecimento, podendo então construir um futuro para si e para o mundo.

Pela leitura que estamos fazendo, a BDV, a partir das suas ações na cidade e na escola, tem contribuído para colocar em prática aquilo que o Hip Hop se propôs historicamente a ser (MIRANDA, 2016), um movimento de união, diversão, paz e conhecimento, com a intenção de provocar a reflexão e a identificação do jovem com a sua realidade periférica, para a partir dela poder melhor se posicionar politicamente no mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que tentamos trazer com este texto é uma reflexão a respeito da cidade, da escola da juventude e suas relações, que nos permitisse contribuir com o avanço da discussão no campo da educação e da geografia escolar. Para tanto, demos maior destaque à voz de jovens que estão praticando ações em espaços da cidade, fora da escola, na rua, e também de profissionais que em seu cotidiano mantêm relações com a juventude dentro do ambiente escolar.

Vimos que a relação entre a instituição escolar e os saberes acionados pelos jovens em espaços informais de educação é mediada e depende da sagacidade e disponibilidade do professor e/ou gestores escolares, enquanto profissionais em buscar alternativas pedagógicas que se aproximem da realidade dos alunos, mas que ainda não se constituem em práticas institucionais.

A juventude tratada aqui, assim como a maioria dos jovens no Brasil, nos mostrou que a escola e a rua são dois espaços muito importantes para sua formação, embora na rua, entre seus pares, circulem saberes que lhes são mais significativos e na escola, conhecimentos muitas vezes desconectados da sua realidade e sem sentido.

Percebemos que os Mcs e a Mc por nós entrevistados, ao mesmo tempo em que não gostavam da escola, estavam na rua se engajando com a cultura Hip Hop, fazendo rimas, dançando, rabiscando e pensando passaram a lançar um outro olhar sobre a própria escola e a se reposicionar nela. Em todas as falas trazidas aqui fica evidente que o Hip Hop, especificamente a Batalha do Vale, através de suas ações culturais e a vivência promovida, leva os jovens a uma reflexão a respeito da própria realidade, ou seja, a respeito da cidade em que

vivem, da escola e da maneira como as coisas funcionam na escola, no seu bairro e nas relações que mantêm com outras pessoas.

A partir do momento em que o Hip Hop ativa a reflexão e o pensamento da juventude, estes, jovens negros, pobres e periféricos, passam a ter orgulho de si, de suas roupas, de suas gírias, de seu bairro, de sua história de vida, os transformando então em sujeitos periféricos ativos (D'ANDREA, 2013) que, muitas vezes, viram referências positivas para jovens mais novos que não encontraram a sua identidade. E, como vimos, é nesta fase de vida, em grupos de pares da mesma idade, que se vive a experiência de juventude.

Além disso, a partir da ampliação da visão de mundo, do aumento da percepção da realidade proporcionado pela vivência na cultura Hip Hop, os jovens encontram motivos para redefinirem, ou para definirem pela primeira vez, seus projetos de futuro, muitos dos quais, como vimos aqui, passando a partir de então pela retomada e a continuidade dos estudos.

Pode parecer contraditório, mas foi pela cultura juvenis do Hip Hop e não pela escola que a universidade passou a figurar no horizonte de possibilidades de alguns dos jovens entrevistados. Isso nos mostra como a instituição escolar no Brasil pode estar falhando com os jovens pobres.

Não está ao nosso alcance, muito pelo contrário, uma possível conclusão e esgotamento a respeito das estratégias políticas e pedagógicas que deveriam ser adotadas pela escola, e nem a respeito da relação dos alunos-jovens com a escola. Porém, podemos refletir a respeito do Hip Hop ser historicamente uma cultura próxima e real para a juventude negra, pobre e periférica, e que assume, enquanto um movimento socioeducativo, a responsabilidade de direcionar a juventude para o conhecimento. Coloca-se, portanto, como uma das portas abertas para a escola se aproximar da realidade dos alunos-jovens, através da arte, da diversão, de algo que os une enquanto sujeitos que vivem em uma realidade comum.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. n.6. 1997, p. 25-35.

BARRETO NETO, Adolpho. **Centralidade do lazer em Presidente Prudente: fluxos, tensões e territorialidades no Parque do Povo**. 2016. 90f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Geografia) -Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2016.

BERMAN, M. Nova Iorque chamando. **Artcultura**, Uberlândia, v. 11, n. 18, 11, p. 125-135, jan.-jun. 2009.

BERNET, Jean. T. Ciudades Educadoras: bases conceptuales. In: ZAINKO, Maria Amélia Sabbag (org). **Ciudades Educadoras**. Curitiba: Ed. da UFPR, 1997.

CARMO, Paulo Sérgio do. **Culturas da rebeldia: a juventude em questão**. São Paulo: Editora Senac, 2000.

CARRANO, Paulo. *Jovens, escolas e cidades: Desafios à autonomia e à convivência*. **Revista Teias** v. 12 • n. 26 • 07-22 • set./dez. 2011 – Jovens, territórios e práticas educativas.

CARRANO, P; DAYRELL, J. Juventude e ensino médio: Quem é este jovem que chega à escola. In: CARRANO, P; DAYRELL, J; MAIA, C.L. (org.). **Juventude e Ensino Médio**, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014. p. 101-134.

CAVALCANTI, Lana de Souza. O olhar geográfico em formação: jovens estudantes de Geografia e desafios urbanos contemporâneos. In: PAULA, A. F. de Assis, CAVALCANTI, L. S., PIRES, L. M. (Org.) **Os Jovens e suas espacialidades**. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, p. 121-142. 2016.

DAYRELL, Juarez. A escola faz a juventude? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007.

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. **A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo**. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2013.

FAZZANO, Afife Salim Sarquis. **Do outro lado do mundo, do outro lado da escola: trajetória de vida e tentativas de superação da marginalização**. São Paulo: Clíper Editora, 2001.

FERREIRA GOMES, Amanda. Batalhas de MC's de Hip Hop na cidade de São Paulo: uma compreensão antropológica. **Revista Extraprensa**, v. 12, p. 838-860, 17 out. 2019.

JOVINO, D. S. Ione. “Rapensando” os PCN’S. In: ANDRADE, Elaine (org.) **Rap e educação rap é educação**. São Paulo. Editora: Summus, 1999. p. 161-166.

LEAL, Sérgio José de Machado. **Acorda hip-hop!:** despertando um movimento em transformação. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.

LEÃO, G; CARMO, H.C. Os jovens e a escola. In: CORREA, L.M; ALVES, Z; MAIA, C.L (org.). **Cadernos Temáticos: juventudes brasileiras e Ensino Médio**. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2014. p.7-44.

MIRANDA, Jorge Hilton De Assis. Relação De Mercado e Trabalho Social No Hip-Hop. Cadernos do CEAS: **Revista crítica de humanidades**, [S.l.], n. 223, p. 32 - 41, jun. 2016.

MOTTA, Anita; BALBINO, Jessica. **Hip-Hop a cultura marginal: do povo para o mundo**. São João da Boa Vista, UniFAE, 2006.

NEVES, Lair. A. D. Rap na Sala de Aula. In: ANDRADE, Elaine (org.) **Rap e educação rap é educação**. São Paulo: Editora: Summus, 1999. p. 153-160.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa. Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2003.

PIMENTEL, Spency. **O Livro vermelho do Hip Hop**. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes – Universidade de São Paulo. 1997. Trabalho de Conclusão de Curso. 1997.

RANCIÈRE, Jacques. O espectador emancipado. **Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 2, n. 15, p. 107-122, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573102152010107>. Acesso em: 21 nov. 2022.

SALVI, Bruno Fantin. **A cidade e os espaços informais de educação: contribuições da Batalha do Vale para a educação dos jovens de Presidente Prudente**. 2019. 93f. Trabalho de Conclusão de Curso (Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente, 2019.

TEPERMAN, Ricardo. **Tem que ter suingue**: batalhas de freestyle no metrô Santa Cruz. 2011. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

TURRA NETO, Nécio. **Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava**: territórios e redes de sociabilidade. 2008. 516 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2008.